JESUS FALA ÀS IGREJAS

A IGREJA EM FILADÉLFIA - APOCALIPSE 3:7-13

Se você tivesse caminhado pelas ruas de Filadélfia há cerca de 1.900 anos, teria visto uma cidade muito semelhante às outras seis mencionadas nos primeiros capítulos do Apocalipse. Localizada perto de algumas colinas, era cercada por vinhedos. Ao caminhar pelas ruas, você teria cumprimentado os judeus com "Ereve Tov", enquanto saudaria os romanos com "Salve", e talvez nem notasse a inimizade entre eles. Provavelmente, também não teria notado a presença de um terceiro grupo, um grupo de pessoas com crenças muito diferentes das demais.

Não é de surpreender que romanos e judeus não gostassem uns dos outros. Os judeus oravam voltados para o oriente e praticavam as tradições de Jerusalém; os romanos, por sua vez, mantinham sua lealdade em direção ao ocidente, onde vivia seu imperador. Em meio a essas duas forças poderosas, encontramos um grupo de crentes. Os judeus os odiavam, acreditando que eram uma ameaça religiosa, acusando-os, por isso, de heresia. E eram maltratados pelos romanos, que não entendiam o propósito da fé cristã. A perseguição que os romanos impuseram aos cristãos parece estranha, visto que era comum os romanos adotarem os deuses dos povos que conquistavam. Roma chegou a reconhecer o judaísmo como aceitável e válido devido à sua antiguidade. Mas, por alguma razão, o cristianismo era visto como algo supersticioso, uma religião nova e sem validade histórica.

Foi à congregação cristã em Filadélfia que Jesus dirigiu sua sexta carta (Apocalipse 3:7–13). Assim como ocorria em outras igrejas, os fiéis daquela cidade também enfrentaram a pressão religiosa dos judeus e a perseguição secular dos romanos. Era uma igreja com uma necessidade específica de encorajamento. Sem dúvida, a carta chegou em um momento muito oportuno.

A carta, porém, não era apenas para aquela igreja. Ao enviar uma carta aberta às sete igrejas da Ásia Menor, Jesus revela a todos os crentes ao longo da história da igreja o que espera dela. Desse modo, todos os que o adoram e amam sua Noiva fazem bem em acatar sua mensagem.

Notamos também que essa carta é diferente das outras, pois Jesus não apresenta nela nenhuma admoestação. Ele não chama a atenção dos fiéis para quaisquer falhas e não pede que mudem de comportamento. Jesus, aquele que tudo vê e que tudo sabe, apenas apresenta encorajamento e louvor a esta congregação. Ele diz àqueles cristãos para se apegarem ao que têm e não mudarem de rumo.

Para entender melhor a importância da aprovação de Jesus à igreja em Filadélfia, lembremo-nos de dois princípios muito importantes. O primeiro encontra-se no Antigo Testamento: "*O Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração*" (1 Samuel 16:7). Ou seja, quando o homem e Deus olham para a mesma coisa, não a veem da mesma maneira. O homem vê a aparência exterior, ao passo que Deus vê o estado da mente e o que está no coração.

O próximo princípio que devemos ter em mente encontra-se em 2 Coríntios 10:18: "*Não é aprovado quem a si mesmo se louva, mas, sim, aquele a quem o Senhor louva.*" Ninguém é aprovado diante de Deus a menos que dele mesmo receba a aprovação. E não há como recebê-la sem prestar muita atenção ao que o homem não pode ver.

Dentro de cada um de nós existe certo desejo de aprovação. Muitas vezes somos tentados a medir o sucesso de nossa vida pela aprovação que recebemos dos outros. Mas, quando esse desejo não é guiado pelos dois princípios que vimos anteriormente, ele nos leva a um grande erro. Isso é muito comum no mundo religioso hoje. Uma vez que é mais fácil nos preocuparmos apenas com o que os homens veem, isso frequentemente nos leva a buscar maneiras alternativas de receber elogios e aprovação. Mas, nesses casos, estamos buscando a aprovação dos homens e não a de Deus. Isso é visto naqueles que buscam aprovação no púlpito em vez de no quarto secreto com Deus. É muito fácil, até mesmo para líderes cristãos, buscar estratégias humanas para aprovação em vez de permitir que a Palavra de Deus os guie.

Parece-me que Jesus está destacando a igreja em Filadélfia, não arbitrariamente, mas para destacar sua obediência a esses princípios. Ela serve como exemplo e também como advertência para todas as igrejas das gerações vindouras. Era uma igreja menor do que algumas, menos visível do que outras, e seus esforços não pareciam tão extraordinários. Mas Jesus a destaca como exemplo perfeito de uma igreja que não se desviou, apesar das pressões ao seu redor para mudar de rumo. Podemos sentir, ao longo da carta, a aprovação e o encorajamento que ele oferece.

A igreja em Filadélfia deve ter lutado contra as ideias extremistas que a cercavam. De um lado, estavam os judeus legalistas, que buscavam reduzir a espiritualidade a uma lei moral. Do outro, estavam os romanos permissivos, que abraçavam um entendimento a respeito de seus deuses que lhes permitia todo tipo de liberdades imorais. Eles se encontravam em um ambiente muito distante da santidade de Deus.

No início desta carta, Jesus dá à igreja uma visão de si mesmo, o que é um chamado claro à verdadeira espiritualidade.

"**Isto diz o que é santo**" a uma igreja cercada por judeus legalistas de um lado e por romanos permissivos de outro. Mas Jesus revela seu caráter santo. Ele sempre aprova o que está em harmonia com seu caráter santo e repreende tudo o que não está. Ao se apresentar dessa forma, Jesus nos mostra que sua aprovação não vem pela observância da lei, como os judeus legalistas pretendiam fazer, nem de alguém ser abertamente progressista, como os romanos com suas liberdades imorais, mas por viver uma vida santa.

"**Isto diz (…) o que é verdadeiro**". Numa cidade onde alguns viam a "verdade" como algo restritivo, e outros, como algo relativo, Jesus afirma que ele é a verdade. Ele se revela como a Verdade personificada. Suas palavras, seus pensamentos e seus julgamentos são todos verdadeiros. Jesus assegura à igreja em Filadélfia que a verdade não se encontra em tradições antigas, nem nos raciocínios dos sábios. A verdade é perfeitamente expressada na pessoa do próprio Jesus, vivo, amoroso e bondoso.

"**Isto diz (…) o que tem a chave**". Nos tempos antigos, o homem que tinha sob sua responsabilidade as chaves de uma cidade murada possuía algo semelhante ao que um rei possui. Ao amanhecer, aquele que tinha as chaves abria os portões da cidade. Ao anoitecer, era ele quem

fechava os portões novamente e os trancava. É possível que ele tivesse acesso a fundos públicos, reservas de armas e suprimentos de alimentos. "Ter as chaves" significava ter muita autoridade. O que ele trancava, ninguém podia abrir. O que ele abria, ninguém tinha o direito de trancar.

Jesus revela sua autoridade à igreja ao se referir a essa característica de responsabilidade. Para uma igreja cercada de oposição e ameaças, essa era uma promessa preciosa. Os judeus ameaçavam a igreja, mas Jesus tinha as chaves do reino. Os romanos perseguiam os crentes, mas Jesus tinha as chaves da morte e do Hades. A autoridade de Jesus sustenta sua igreja em uma posição indestrutível.

Após a introdução desta carta, vêm as palavras inevitáveis, palavras que aparecem em cada uma das sete cartas. A cada igreja, Jesus diz: "Conheço as tuas obras". Para alguns, isso trazia vergonha; para outros, era fonte de consolo.

Quais eram as obras dos crentes de Filadélfia? Os de Éfeso tinham boas obras, mas abandonaram o amor. A igreja em Pérgamo tinha boas obras, mas permitia falsas doutrinas. A igreja em Sardes tinha obras mortas. As obras da igreja em Laodiceia eram mornas e apodrecidas.

As obras que Jesus descreve nesta carta não parecem ser extraordinárias ou excepcionais. Em vez disso, ele diz que aqueles irmãos tinham pouca força para realizar grandes feitos. Eles não são elogiados por sua grande fé, paciência, discernimento ou trabalho árduo. Mas Jesus os elogia por uma coisa notável: por serem fiéis em guardar a palavra dele, por continuarem em obediência, por não desistirem por causa das vozes que dizem que não há necessidade de obedecer.

Quando examinamos as razões de Jesus para aprovar esta igreja, encontramos esta frase: "*Tendo pouca força*". A força espiritual vem de uma fonte. Jesus disse ao apóstolo Paulo: "*O meu poder se aperfeiçoa na fraqueza*" (2 Coríntios 12:9). Paulo reconheceu que a graça vem pela fé. Tiago nos diz que Deus concede graça aos humildes (Tiago 4:6). O fato de Jesus mencionar que aquela igreja tinha pouca força talvez se refira ao fato de que havia poucos membros ou que eles não tinham muitos recursos financeiros. Mas, ainda mais importante, indica que eles conheciam o segredo do poder espiritual e o viviam. O poder espiritual não é algo que alguém gera, mas algo que é derramado sobre o crente humilde e obediente em todas as coisas. É aquele que se sente fraco em si mesmo, mas confia no poder de Cristo.

O poder espiritual tem um propósito. É notável que Jesus mencione "pouca força" no contexto de "uma porta aberta", pois não foi a força da igreja que manteve a porta aberta; antes, Jesus abriu a porta em resposta às coisas na igreja em Filadélfia que lhe agradaram. O propósito da força espiritual não é nos impulsionar em direção a objetivos, mas agradar aquele que tem a chave. Jesus tem o direito de abrir a porta, se isso lhe agradar. Portanto, devemos concentrar nossa "pouca força" naquilo que agrada a Jesus.

Observemos os dois pontos a seguir que Jesus enfatiza e aprova naquela igreja.

"**Guardaste a minha palavra**". Ao observar sua igreja, o que chama a atenção de Jesus é a obediência dos seus seguidores. Eles não buscavam grandeza, poder ou dons, mas a simples obediência. Cristo olha com benevolência para aqueles que estão determinados a perseverar firme e fielmente em seus mandamentos, mesmo sob pressão para ceder.

Em Mateus 7:22, falando do julgamento final, Jesus deixa claro que a obediência é mais importante do que a grandeza. Ele disse: "*Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demônios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas*?'" Estes são profetas, operadores de milagres e aqueles que são grandes aos olhos dos homens. Eles vêm a Jesus esperando sua aprovação; mas ele lhes diz que são pessoas que praticam "a iniquidade".

Em Mateus 25 ocorre algo diferente: Jesus elogia os verdadeiros crentes, mas eles nem sabem a razão pela qual são elogiados. Eles nunca consideraram que o que estavam fazendo fosse importante. Em essência, o que Jesus lhes diz é: "Eu lhes disse para visitarem os doentes, e vocês obedeceram. Eu lhes disse para alimentarem os pobres, ajudarem os necessitados e vestirem os necessitados, e vocês fizeram todas essas coisas como se estivessem fazendo a mim." Aqui encontramos uma grande verdade: o crente encontra a verdadeira aprovação por meio da obediência, não por meio de grandes obras.

Nas sete cartas às igrejas, Jesus reserva o maior elogio a uma que simplesmente cumpriu a palavra que ele deu. Aqueles cristãos não buscavam grandeza ou grandes realizações pessoais. E o interessante é que tinham pouca força. Sua resolução simples e comum era: "Como Jesus nos ordena, assim viveremos."

O segundo ponto que Jesus aprova e enfatiza neles é este: "*Não negaste o meu nome*". Há momentos em que não parece conveniente ser cristão, de modo especial em um ambiente de perseguição. Seguir Jesus nos coloca em conflito direto com o que a sociedade faz. A igreja em Filadélfia sentiu na própria carne esse conflito.

Podemos negar Jesus de, pelo menos, duas maneiras diferentes: Essas duas maneiras existem hoje, assim como existiam na época da igreja em Filadélfia. Alguns, como Pedro, negam Jesus distanciando-se dele, insinuando por suas ações que não querem se associar a ele. Essa tentação nos confronta em qualquer fase da vida. Para o crente novo, a pressão para negar Jesus pode surgir do desejo de "conformar-se" ou "acomodar-se" a amigos do mundo. Para outros, a tentação pode ser o desejo de enriquecer desobedecendo aos princípios que Jesus estabeleceu a esse respeito. De qualquer forma, negar o nome de Jesus, seja em palavras ou em ações, nos distancia da pessoa que Jesus nos estabeleceu para ser e nos dissocia dele.

A segunda maneira de negar Jesus é diminuir ou distorcer seus ensinamentos para torná-los mais fáceis de cumprir. Por exemplo: com respeito ao divórcio, tão comum em nosso mundo, muitos buscam uma maneira bíblica de justificá-lo. Quando somos pressionados a obedecer à pátria em vez de aos ensinamentos de Jesus, há uma tendência a distorcê-los para justificar o caminho mais fácil. Em uma sociedade onde a homossexualidade é um comportamento aceitável, muitas vezes é necessário retratar um Jesus que é todo-amoroso e acolhedor, e que seria incapaz de punir o pecador. Aqueles que têm esse conceito de Jesus se sentem bem por serem "cristãos". Mas, ao despojar Jesus de sua santidade e de sua justiça, esses "seguidores" são fiéis apenas em palavras ou na imaginação. Seu conceito de Jesus é, na verdade, falso.

Jesus elogia a igreja em Filadélfia neste ponto. Os cristãos ali estavam sob pressão da sociedade, mas não cederam. Não distorceram os mandamentos de Jesus para sua própria conveniência. Não pecaram conscientemente para depois dizer: "Jesus entende a minha situação, e tenho certeza de que podemos chegar a um acordo em que ele não leve isso em conta".

Ao encontrar tais qualidades naquela igreja, Jesus lhe diz: "*Eis que diante de ti pus uma porta aberta*". Que bênção! Que igreja abençoada é a que recebe essa promessa de Deus! É como um sinal verde, uma passagem segura ou um fim prometido. É como se o próprio Jesus estivesse dizendo: "Eu estou contigo e te ajudarei, e nada te deterá".

Imagine as limitações que uma porta fechada implica. Você quer seguir em frente, mas não consegue. Você busca o sucesso, mas não o encontra. Você se frustra com tudo, e todas as opções parecem não dar em nada. Você se sente preso em um círculo vicioso que não produz resultados positivos nem qualquer realização. A igreja realiza campanhas evangelísticas, mas sem nenhuma alma convertida. Muito trabalho, mas pouco resultado. Famílias lutam, mas, uma a uma, veem os filhos tomando decisões erradas. Esforços constantes resultam apenas em exaustão e, vez após vez, você se choca contra a porta fechada novamente.

Mas imagine novamente. A porta está aberta diante de você e de sua congregação. Imagine o que o apóstolo Paulo sentiu quando o Senhor lhe disse: "*Não temas, mas fala, e não te cales; porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade*" (Atos 18:9–10). Essa foi uma promessa de uma porta escancarada. Imagine a grande liberdade de saber que o poder de Jesus está disponível para você. Jesus não é passivo em relação a você, nem resiste a você, mas exerce autoridade para o seu bem, para que sua vida dê frutos e você seja bem-sucedido em seu ministério.

Creio firmemente que Jesus é justo e também que ele é inalterável em seus princípios. Suas promessas são tão válidas hoje quanto foram em qualquer época do passado. Creio que hoje Jesus conhece a igreja que é verdadeiramente sua e coloca diante dela a "porta aberta". Creio que, quando o povo de Deus se propõe no coração a obedecer à Palavra e ser fiel a Deus, Jesus responderá da mesma forma que respondeu à igreja em Filadélfia. Em resposta à fidelidade dela, Jesus faz duas declarações sobre o que faria por aqueles cristãos. Em primeiro lugar: "*Eu farei aos da sinagoga de Satanás (…) que venham, e adorem prostrados aos teus pés, e saibam que eu te amo*". E a seguir: "*Também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra*".

Podemos compreender melhor essas declarações lembrando o ambiente em que aquela igreja vivia. Ela foi perseguida pelos judeus, que insistiam que eles próprios eram os verdadeiros crentes, que eram eles os que verdadeiramente conheciam a Deus, e que todos os outros eram impostores. Por outro lado, eram perseguidos pelos romanos. Nos anos seguintes à redação desta carta, crentes em todas partes do mundo enfrentaram perseguição. Foram torturados, forçados a blasfemar, despejados de casa e mortos. Podemos entender que a promessa de Jesus era a seguinte: "Por causa da fidelidade que vocês demonstram, não me envergonho de ser identificado com vocês. Diante dos judeus, eu os justificarei publicamente. Diante dos romanos, eu os defenderei abertamente. Vocês não se envergonharam de mim, nem eu me envergonharei de vocês." Jesus promete justificar publicamente aqueles que o servem fielmente. Isso pode acontecer aqui nesta vida ou pode se manifestar apenas na vida eterna. E mesmo que morramos sendo zombados e incompreendidos, chegará o dia em que saberemos quem tem a aprovação de Jesus.

Jesus termina a carta com palavras que devem ter trazido grande alegria aos crentes em Filadélfia. Ele pintou um quadro de permanência, de pertencimento a ele e de identificação pública com o próprio Pai: "*Eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus*". Quão difícil deve ter sido para aqueles que tinham uma devoção intensa a Jesus

só poderem expressá-la com muito cuidado. Eles eram cidadãos do céu, mas só podiam expressá-lo sob o temor da perseguição. Quão difícil era não ter uma "cidade permanente" para a qual fugir de um mundo tão hostil. Mas Jesus sabia de tudo isso, e sua promessa era uma realização plena para todos aqueles que o seguissem fielmente.

Hoje, muitas pessoas buscam a igreja "perfeita". Ela existe? Onde está? Muitas pessoas vão de uma igreja para outra, buscando essa perfeição, mas sempre se decepcionam. Não, não existe igreja sem falhas. Ao mesmo tempo, esta carta à igreja em Filadélfia nos mostra uma igreja "irrepreensível". Era uma igreja que, aos olhos de Jesus, tinha "pouca força", com poucas realizações visíveis, mas com grande amor e obediência, digna de todo louvor. Foi uma igreja à qual Jesus não dirigiu nenhuma correção.

Hoje em dia, uma igreja é frequentemente medida pelo que ela pode oferecer. Muitos são atraídos para uma igreja específica por um programa ou ministério especial, seja um programa de música, um ministério para jovens, um programa esportivo ou um serviço de transporte para os fiéis. Embora seja perfeitamente correto que a igreja busque maneiras de atender às necessidades espirituais das pessoas, os métodos em si não podem ser usados para medir seu poder espiritual nem o quanto Deus a aprova. Em outras palavras, os programas da igreja não indicam, por si só, a aprovação de Deus.

Hoje, Deus chama sua igreja ao seu padrão de santidade e de aprovação. Quando Jesus exaltou a igreja em Filadélfia nesse aspecto, provavelmente não se tratava de uma grande congregação, nem de uma igreja com programas grandiosos e impressionantes. Mas Jesus a apresentou como um exemplo para toda igreja disposta a seguir seus passos. Jesus termina esta carta dizendo: "*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas*". É como se Ele estivesse chamando cada igreja hoje e ao longo da história: "É isso que procuro em uma igreja. É isso que me agrada, e a igreja que seguir esse exemplo terá a minha aprovação".

O pai ama ao filho com um amor inextinguível. O verdadeiro filho deseja profundamente a aprovação do pai. O que estamos dispostos a fazer para garantir a aprovação do nosso Pai celestial? Se esse for o nosso desejo mais intenso, não haverá esforço grande demais, detalhe pequeno demais nem preço alto demais para garantir a aprovação daquele que percebe até mesmo as intenções do nosso coração.

~Bryan Yoder